



## **Crônica e jornalismo: a crônica no contexto atual do jornal A Folha de São Paulo<sup>1</sup>**

Lara Cavalcante da Silva<sup>2</sup>  
Curso de Comunicação Social/UFT

Verônica Dantas Meneses<sup>3</sup>  
Curso de Comunicação Social/UFT

### **Resumo**

O presente artigo busca apresentar o lugar da crônica no contexto do jornalismo atual por meio da análise do Jornal A Folha de São Paulo. Cercada por várias polêmicas, a crônica, hoje, possui um espaço cativo nos diversos formatos jornalísticos (impressos ou eletrônicos); sua presença e suas características revelam que o gênero pode funcionar como um escape ao tecnicismo e aos mitos da neutralidade e objetividade presentes no fazer jornalístico. A análise apontou para o fato de a crônica exercer uma posição peculiar no jornal tendo em vista que ela ocupa um espaço considerável no impresso, aborda as mesmas temáticas que os artigos opinativos e as notícias, além de tratar temas atuais, factuais, de forma crítica e mais subjetiva, alertando para essa busca constante do jornalista.

**Palavras-chaves:** crônica; jornalismo; subjetividade.

### **Jornalismo e Objetividade**

Ao abrir um jornal e ler uma crônica percebe-se uma brusca diferença em relação ao conteúdo do resto do jornal. As crônicas parecem mais leves e próximas de quem lê, enquanto o restante do jornal é mais técnico e denso. Esta percepção superficial que pode ser feita com apenas um olhar sobre as páginas do impresso esconde inúmeras questões que levaram ao desenvolvimento desta pesquisa.

A crônica possui um espaço cativo nos diversos formatos jornalísticos (impressos ou eletrônicos); sua presença e suas características revelam que o gênero pode funcionar como um escape ao tecnicismo e aos mitos da neutralidade e objetividade presentes no fazer jornalístico. O presente trabalho foi realizado no intuito de analisar o espaço da crônica no contexto do jornal; Qual a relação existente entre o gênero e o impresso noticioso? Porque tanta diferença entre a

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado ao NP Jornalismo, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

<sup>2</sup>Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Tocantins. lara\_cavalcante@hotmail.com

<sup>3</sup>Jornalista, mestre em Sociologia pela UFS e doutoranda em Comunicação pela UnB. Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Tocantins. veronica@uft.edu.br.



crônica e o restante do jornal? Nesse sentido, poderá contribuir para traçar um perfil da crônica nos dias atuais.

O padrão que rege todo o jornal, mas parece não estar presente nas crônicas, é determinado pelo ideal de objetividade. Mas qual o princípio da objetividade e as influências que este conceito trouxe ao jornalismo. Discussões sobre objetividade e subjetividade não são novas e nem próprias do jornalismo. De Aristóteles aos mais recentes filósofos podemos encontrar menção ao assunto, pois envolve o conhecimento e as formas de apreender e entender a realidade. Uma das primeiras formas que o homem encontrou de compreender o mundo que o cerca e a si mesmo foi o mito e de lá para cá vem tentando superá-lo. No entanto, percebe-se que o homem sempre cria novos mitos na tentativa de superar o anterior. E é isto que constatamos ao entrar em contato com esta polêmica da objetividade como se pode perceber nas colocações de Ricardo Jardim Andrade:

A grande fantasia da nossa época, a grande ilusão do mundo contemporâneo é justamente o mito da neutralidade científica, o mito que afirma a inexistência de mitos, o mito que expressa o desejo de uma transparência completa do real e, conseqüentemente de um domínio absoluto da razão sobre a natureza e o próprio homem. Na verdade é apenas um mito antigo com roupagem nova (ANDRADE apud AMARAL, 1996, pg. 22).

A era moderna foi marcada por um grande apego à razão que buscava superar toda consciência mítica. Com esta racionalização crescente aconteceu um apogeu das ciências exatas e seus métodos passaram a influenciar todos os campos do conhecimento. A objetividade é um dos principais conceitos introduzidos por esta crescente cientificidade e ela influenciou o jornalismo moderno, como veremos a seguir.

Para Kunczik (2001) a objetividade é “uma forma desapaixonada, sem preconceitos, imparcial, isenta de sentimentalismos e conforme a realidade”. Coadunando-se a esta colocação de Kunczik, Koschiwitz (1971) afirma: “objetividade é o grau de identidade entre fato e sua descrição mediante a informação”. Ou seja a objetividade é a fidelidade do texto ao fato. Para melhor compreender o conceito de objetividade no jornalismo pode-se observar o apontamento de Clóvis Rossi (1994) quando coloca que “a imprensa de acordo com o mito da objetividade deveria colocar-se numa posição neutra e publicar tudo o que ocorresse, deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões”.

O jornalismo moderno foi influenciado por esta noção de objetividade. A neutralidade científica e a busca pela transparência completa do real passaram a nortear o fazer jornalístico a partir do séc XIX no mundo e a partir de 1940 no Brasil. Cremilda Medina (1988) conta que o jornal feito no



mundo em seus primórdios funcionava como um mensageiro oficial do governo registrando e divulgando suas ações. No Brasil, devido ao retardamento na implantação da imprensa, esta primeira fase inicia-se em 1808 e termina por volta de 1821 com o decreto do príncipe regente D. Pedro que suprime a censura prévia.

Em um segundo momento a imprensa passa por uma fase revolucionária e neste período seu foco ficou mais na formação de opinião que na informação. Os jornais defendiam abertamente o lado interessado (cada um o seu) e atacavam o adversário. Por isto, a imprensa passa a ser considerada político-partidária. Uma maneira de fazer jornalismo não condizente com as transformações pelas quais a sociedade vinha passando. No início do século XIX na Inglaterra, França e Estados Unidos começou a acontecer uma passagem da imprensa partidária para a comercial. As agora empresas jornalísticas buscavam agradar ao público, aumentar a tiragem e conseqüentemente os lucros. Junto a esta mudança foi introduzida no jornalismo a idéia que mais tarde receberia a definição de objetividade.

Como destaca Luiz Amaral (1996) houve quatro acontecimentos principais que contribuíram para a adoção definitiva da objetividade no jornalismo: O nascimento das agências de notícia, o desenvolvimento industrial, as duas guerras mundiais e o advento da publicidade e das relações públicas.

Os pesquisadores atualmente procuram alternativas metodológicas e didáticas para incentivar jornalistas que sejam tecnicamente eficientes, críticos e humanos. E para ampliar a capacidade de percepção destes profissionais (a subjetividade que envolve os dois últimos fatores) um dos aliados é a literatura.

### **Crônica e Subjetividade**

Para Guaraciaba, a presença da crônica no jornal evidencia faltas geradas pelo tecnicismo do jornalismo moderno. O pólo literário da crônica evidencia as falhas do jornalismo e vice versa. E ao tornar clara a necessidade do jornalismo através de sua parte mais humanizada, a crônica acaba evidenciando a literatura como uma alternativa. Muitos trabalhos acadêmicos hoje compreendem que o jornalismo não pode cumprir sua ampla função de “comunhão entre humanos” apenas com elementos técnicos e objetivos. Para tanto, ela precisa equilibrar o objetivo e o subjetivo.

Ao adotarmos a noção de que o jornalismo é a comunhão entre humanos, podemos então entendê-lo como o compartilhar dos desejos coletivos. Se é



assim a busca do comunicador não é um objeto – a verdade – mas a compreensão sobre as ações dos sujeitos da comunicação- a expressão dos sentidos de sua consciência (IJUIM, SUIJKERBUIJK, 2005, p.g 3).

Nesse sentido, veremos que a crônica se propõe um papel diferenciado desse modelo, imprimindo estas reflexões. A literatura e o jornalismo sempre andaram juntos. Em alguns períodos esta relação se deu de forma mais clara e em outros nem tanto. Por ambos trabalharem com a linguagem e buscarem, nas suas proporções, retratar a realidade - entre outros fatores - eles acabam se entrelaçando, a ponto de às vezes não conseguirmos estabelecer um limite claro. É o caso da crônica, nosso objeto de estudo, romances como SERTÕES VEREDAS, OLGA e CHATÔ, além dos novos romances jornalísticos.

Segundo Juarez Bahia (1990) e Cremilda Medina (1988), no Brasil o jornalismo esteve ao lado da literatura desde o princípio. Isto deu a ele, em sua primeira fase, um forte traço literário que permaneceu até os limiares da tecnologia eletrônica. O jornalismo nesta primeira fase era essencialmente político o que lhe conferia uma natureza polêmica que combinada ao caráter reflexivo, próprio da literatura, gerou uma qualificada opinião que se tornou tradicional.

Um conceito encontrado em muitos autores sobre o jornalismo é o de que ele “é a atividade responsável pela apuração, reunião, seleção e difusão de notícias, idéias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza e rapidez de modo a conjugar pensamento e ação” (Bahia, 1990). Eles têm o foco na função de difundir a notícia e firmam neste objetivo o fim do jornalismo<sup>4</sup>.

Nesse sentido, a missão do jornalismo se confunde com a natureza da informação. Sua prioridade básica é difundir notícias. Fora dessa função primordial, absorve muitas outras como, por exemplo, a de promover o bem comum e a de estimular a mais ampla e livre troca de idéias entre as pessoas, quaisquer que sejam suas convicções (BAHIA, 1990: 20).

Alguns princípios, portanto, inferem-se desses conceitos Independência, Veracidade, objetividade, imparcialidade, exatidão, Credibilidade

Uma das características determinadas por estas responsabilidades do jornalismo é a linguagem. Segundo autores como Andrade e Medeiros (2001), Lage (1987), Erbolato (1991), bem como os manuais de redação, a linguagem jornalística precisa ser simples e acessível de maneira que até as pessoas de pouca escolaridade possam entender. Por isto, os textos devem ser: redigidos na ordem direta, usar os verbos na voz ativa, evitar adjetivação e adverbialização

---

<sup>4</sup> Ver: Erbolato, 1991; Rossi,1994); Kunczik, 2001, BAHIA, 1990.



inúteis e utilizar palavras fáceis de uso cotidiano. Para se alcançar a simplicidade necessária, também se procura redigir de forma leve, concisa e agradável, utilizando frases curtas e sem superlativos. A redação jornalística, principalmente quando transmite informações, dá preferência às expressões objetivas e impede o uso de expressões comprometedoras como as pessoais e o uso de possessivos.

Já a Literatura é a arte da palavra e sendo arte é uma transformação simbólica da realidade. O escritor recria a realidade a partir de sua visão de mundo, ou seja, sua cultura, suas experiências de vida e suas opiniões. A literatura é um sistema semiótico, as palavras em seus textos ganham dimensões maiores e adquirem plurissignificações. A estrutura do texto, a forma como se ordenam as palavras e as frases são todas minuciosamente observadas, porque a estrutura e o contexto falam mais que as palavras em si (FILHO, 1987; WELLEK e WARREN, 1976, apud Lira; LIMA apud Barros, 1976). Por isto a linguagem literária nem sempre é simples e clara. Alguns traços foram destacados por Platão e Fiorin (1999) como plurissignificação, desautomatização, conotação, relevância do plano de expressão, intangibilidade da organização lingüística:

Além destes traços os autores pontuam que a mensagem literária é autocentrada, ou seja, o escritor procura recriar certos conteúdos pela organização da mensagem. Faz isto por meio de vários recursos como: ritmos, sonoridades, distribuição das seqüências por oposição ou simetria e repetição de palavras ou de sons que podem ser rimas, repetição de situações ou descrições (as descrições são verdadeiras rimas no romance ou no conto).

### **Literatura e jornalismo: distância e proximidade**

Entendendo melhor as duas atividades podemos destacar pontos que as aproximam e as distanciam. Muitos são os autores que se dedicaram ao estudo dos limites entre literatura e jornalismo. Alguns como Antônio Olinto chegaram a considerar o jornalismo sendo literatura ou parte dela. Numa análise mais teórica não é difícil diferenciar as duas áreas, como veremos a seguir. Contudo, quando se analisam revistas e jornais atuais e, ainda, as novas produções que surgiram depois do movimento do Novo Jornalismo, percebe-se que a linha que dividia o jornalismo da literatura já não pode ser explicada de forma mais clara.

Analisemos, então, critérios tradicionais como os de Platão e Fiorin (1999) que para diferenciarem o texto literário do não literário declaram, que existem três possíveis fatores:



**O conteúdo.** Critério que já foi descartado, pois não há exclusividade de conteúdo entre eles. O máximo que acontece é em certos períodos a literatura priorizar determinados temas;

**A ficcionalidade.** Segundo este critério, a literatura é um texto ficcional e nesta modalidade é permitido: criar e aumentar ou valorizar determinados fatores em detrimento de outros no intuito de gerar reflexões. Já o jornalismo não seria ficção, pois se preocupa com a realidade, com o fato e sua fiel retratação. Aqui entra uma grande discussão, pois a ficção pode muitas vezes ser confundida com a realidade e por mais que o jornalista se esforce ele jamais conseguirá retratar fielmente a realidade, já que a própria escrita, o uso da linguagem é uma interpretação do fato pelo jornalista, como esclarece a citação

É impossível epistemológica e metafisicamente, para a mídia, independente de seu grau de sofisticação apresentar um quadro completo do mundo. Só o próprio mundo faz isso. Quando usamos a linguagem, a ciência, o mito ou qualquer outro sistema simbólico pra representar ou manipular podemos fazer grandes coisas mas nunca representar a realidade de forma clara. (...) Argumentar que a mídia oferece um acesso não- distorcido e objetivo à realidade não faz sentido (...) O espelho é obviamente nebuloso, dando-nos reflexos pouco perfeitos de nossa natureza humana, individual e coletivamente (REAL, 1989, apud LIRA, 1999: 25).

Além disso, segundo Zuenir Ventura (2001), a partir do Realismo e Naturalismo a literatura passou a preocupar-se mais com a realidade e maneiras de retratá-la em alto grau de fidelidade, com isto sua narrativa se aproxima bastante da narrativa jornalística. E assim este outro critério bastante usado para dividir as duas atividades passou a não ter tanta força

Por fim, os autores destacam **a função do texto**, que é o fator mais aceito atualmente. Segundo este critério o texto literário tem função estética, enquanto o não literário tem função utilitária, ou seja, informar, explicar, convencer, documentar entre outros. No texto literário a maneira como se diz é tão ou mais importante do que o que se diz. Entretanto, também na literatura há o sentido de informar ou relatar fatos importantes para a sociedade.

Existe, ainda, a questão da objetividade que envolve a postura de quem escreve o texto. Segundo este fator o texto jornalístico seria objetivo enquanto o literário seria um espaço aberto a subjetividade. Os manuais de redação ensinam que o repórter não pode se envolver com os fatos e nem imprimir sua visão de mundo ou seu estilo em suas obras, ao contrário do que acontece com o escritor.



Expondo outra concepção apresenta-se Alceu Amoroso Lima, citado por Bahia (1990), que considera o jornalismo como um gênero literário. Pois gênero literário, na concepção clássica, é a espécie de construção estética determinada por um conjunto de normas objetivas a que toda composição deve obedecer. E na concepção moderna, é uma soma de esquemas estéticos, com base metodológica e racional, que representam formas de expressão. Diante disto, Lima considerou que o jornalismo poderia ser considerado um gênero da literatura e sugeriu o seguinte esquema de classificação em que a literatura se dividiria em dois grandes grupos:

**Prosa :** De ficção (romance, novela, conto, teatro)

De apreciação de obras (crítica); de pessoas (biografia) e de fatos (jornalismo)

De comunicação (conversação, oratória, epistolografia).

**Verso:** (lírica, épica, dramática).

Para Lima o jornalismo é prosa de apreciação ao lado da crítica e da biografia. O jornalismo é uma literatura sob pressão de tempo, espaço e circunstâncias. Uma obra fruto mais de transpiração que de criação, mas nem por isto, livre de inspiração. A atividade apesar de tudo pode resultar em obras de arte tanto quanto a literatura.

Na atualidade tem ocorrido uma aproximação cada vez maior das duas atividades o que torna difícil a sua diferenciação. Ao analisar o jornalismo hoje, no Brasil, percebe-se que ele tem se valido de artifícios da literatura, como as figuras de linguagem, para enriquecer sua própria estrutura e assim atrair o leitor. Jornalistas têm incrementado seus textos no intuito de descontrair e embelezar os trabalhos. O foco continua sendo o referencial, mas o cuidado com a forma de transmitir; ressalta a notícia e a torna mais lida. Nesse sentido, é importante lembrar que o nosso objetivo não é reunir as duas modalidades, mas destacar como ambas se valem de recursos de um e de outra para construírem seus corpos específicos.

### **A crônica**

Conforme Cândido (1992), a crônica em lugar de oferecer “um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma beleza ou uma singularidade insuspeitada”. Ou seja, pode-se perceber que a crônica para os jornalistas é uma forma de revelar a subjetividade inerente às observações do fato cotidiano, que geralmente também é fato noticioso, de forma a fugir da imposição de verdade que a notícia tem, e se tornar uma verdade imersa nas impressões pessoais do cronista. Assim, a função de conceder um espaço à subjetividade e à discussão mais pessoal e direta de assuntos ligados ao cotidiano demonstra o



quanto o jornalismo ainda está apegado ao conceito de objetividade e demonstra as contradições desse modelo.

Para Moisés (2003) a função do gênero é “reduzir o cotidiano em sua imensa variedade a pílulas de fácil digestão, pois que se dirige ao público médio, a crônica é por natureza uma estrutura limitada, não apenas exteriormente, mas e acima de tudo interiormente”. Entretanto, segundo Carlos Heitor Cony, citado por Teixeira (2004) falta emoção ao jornalismo. Cony critica a falta de espaço no jornal para o trivial e a exigência da prestação de serviço. E complementa dizendo que o cronista por tentar imprimir esta emoção no veículo acaba ficando sem espaço.

Nesse sentido, a posição que defende a proposta desse trabalho é a de Sá (1985) quando analisa que enquanto o jornal tem a função de abrir as janelas para o mundo, a crônica tem função de fazer o leitor enxergar mais longe, além do factual. Para Sá esta visão só é possível quando:

o fato, os personagens, e a preocupação estética revelada na estruturação do texto se associam para que o resultado final alcance a empatia do leitor. Uma empatia que significa cumplicidade entre quem escreve e quem lê, mas também a elaboração de uma linguagem que traduz, para o leitor, as muitas linguagens cifradas do mundo. Portanto a função da crônica é aprofundar a notícia e deflagrar uma profunda visão das relações entre o fato e as pessoas, entre cada um de nós e o mundo em que vivemos e morremos, tornando a existência mais gratificante (SÁ, 1985: 56).

A partir das características citadas podemos citar ainda a função de descontrair através do riso e da leitura mais leve levar a outros temas ou gerar reflexões. Em suma, o cronista quer imprimir o que foi despertado nele ao presenciar o fato e o leitor deseja um relato mais humano da realidade que o cerca. E isto pode explicar a popularidade da crônica no contexto do jornal e seu espaço de destaque, como veremos nas análises seguintes.

### **A crônica e o jornalismo opinativo no Jornal Folha de São Paulo**

Em 1997 foi publicada uma nova versão do Projeto Editorial da Folha. O novo Projeto pregava a seleção mais criteriosa dos fatos e uma abordagem mais articulada e aprofundada, como forma de sobressair à cacofonia informativa que resultou da difusão de novos meios de comunicação, como Internet, televisão a cabo e celulares. Acredita-se que isto pode ser um fator determinante no tratamento dedicado a crônica, pois como o impresso perdeu a primazia com o “furo” de notícia a tendência é trabalhar outras formas de textos, mais aprofundados ou discutidas, entre eles a crônica.



Após analisar as páginas A2 e A3 destinadas à opinião e as editorias Mundo, Dinheiro, Cotidiano, Esporte e Ilustrada, que trazem textos opinativos, chegou-se aos resultados apresentados a seguir.

A *Folha* trabalha com a crônica de quatro formas:

- **As colunas fixas**, como a de Moacyr Scliar que sai toda segunda-feira no espaço dedicado a opinião da *Folha Cotidiano*; A coluna de José Simão, que sai na *Folha Ilustrada* todos os dias. E as crônicas-comentários de Carlos Heitor Cony que são publicadas quase todos os dias na A2 em meio aos outros comentários.
- **Os colunistas que esporadicamente escrevem crônicas**, nestes casos a crônica funciona como uma alternativa textual para o autor. É o caso de João Sayad na coluna da página A2 de segunda-feira, Gilberto Dimenstein na editoria Cotidiano de quarta-feira, Josias de Souza na editoria Brasil de domingo entre outros.
- **Os comentaristas que esporadicamente escrevem crônicas-comentários**. É o caso de Clóvis Rossi e Eliane Cantanhêde que escrevem os comentários da coluna do meio da página A2. Eles geralmente escrevem comentários, mas em alguns casos usam a crônica.
- **Os repórteres escrevem crônicas para compor os espaços do jornal dedicados à opinião**, como o espaço que há nas Editorias Cotidiano e Ilustrada. Nestes lugares costumam ser publicados artigos, mas em alguns dias saíram crônicas.
- **Crônicas em lugares não habituais**, como na segunda-feira em que uma crônica foi publicada na editoria Brasil - página oito- com texto relacionado à matéria que abriu o caderno.

#### **O espaço dedicado à crônica**

Nesse momento, apresentamos, de acordo com a metodologia utilizada para este trabalho, como a Folha de São Paulo trabalha os gêneros opinativos e como a crônica aparece neste contexto, buscou-se quantificá-la em relação aos outros gêneros. Isto foi feito para se ter uma noção do espaço que é dedicado à crônica.

#### **Segunda-feira:**

*Páginas A2 e A3* - onze textos opinativos entre eles um era crônica.

*Editoria Brasil* - uma crônica.

*Folha Dinheiro* - dois textos opinativos.

*Folha Cotidiano* – uma crônica.



*Folha Esporte* – dois textos opinativos.

*Folha Ilustrada* – Nenhum texto opinativo.

Ao todo foram encontradas dezoito unidades opinativas, entre elas três foram crônicas. O que confere **17%** (dezessete por cento).

### **Terça-feira**

*Páginas A2 e A3* - dez textos opinativos entre eles três eram crônicas.

*Editoria Brasil* - um texto opinativo.

*Folha Dinheiro* - dois textos opinativos.

*Folha Cotidiano* – um texto opinativo.

*Folha Esporte* – dois textos opinativos

*Folha Ilustrada* – dois textos opinativos entre eles uma crônica.

Ao todo foram encontradas vinte e uma unidades opinativas, entre elas quatro foram crônicas. O que confere **19%** (dezenove por cento).

### **Quarta-feira**

*Páginas A2 e A3* - onze textos opinativos entre eles um era crônica.

*Editoria Brasil* – Nenhum texto opinativo.

*Folha Dinheiro* - dois textos opinativos.

*Folha Cotidiano* – uma crônica.

*Folha Esporte* – dois textos opinativos

*Folha Ilustrada* – duas crônicas.

Ao todo foram encontradas dezenove unidades opinativas, entre elas quatro foram crônicas. O que confere **21%** (vinte e um por cento).

### **Quinta-feira**

*Páginas A2 e A3* - dez textos opinativos entre eles dois eram crônicas.

*Editoria Brasil* – Nenhum texto opinativo

*Folha Dinheiro* - dois textos opinativos.

*Folha Cotidiano* – um texto opinativo.

*Folha Esporte* – dois textos opinativos

*Folha Ilustrada* – duas crônicas.

Ao todo foram encontradas dezenove unidades opinativas, entre elas quatro foram crônicas. O que confere **21%** (vinte e um por cento)



### **Sexta-feira**

*Páginas A2 e A3* - nove textos opinativos entre eles três eram crônicas.

*Editoria Brasil* – Nenhum texto opinativo

*Folha Dinheiro* - dois textos opinativos.

*Folha Cotidiano* – uma crônica.

*Folha Esporte* – dois textos opinativos

*Folha Ilustrada* – uma crônicas.

Ao todo foram encontradas dezoito unidades opinativas, entre elas cinco foram crônicas. O que confere **28%** (vinte e oito por cento)

### **Sábado**

*Páginas A2 e A3* - dez textos opinativos entre eles dois eram crônicas.

*Editoria Brasil* – Nenhum texto opinativo

*Folha Dinheiro* - um texto opinativo.

*Folha Cotidiano* – um texto opinativo.

*Folha Esporte* – duas crônicas.

*Folha Ilustrada* – dois textos opinativos entre eles uma crônica.

Ao todo foram encontradas dezessete unidades opinativas, entre elas quatro eram crônicas. O que confere **23%**. (vinte e três por cento)

### **Domingo**

*Páginas A2 e A3* - dez textos opinativos entre eles uma crônica.

*Editoria Brasil* – três texto opinativo entre eles duas crônicas.

*Folha Dinheiro* - dois texto opinativos.

*Folha Cotidiano* – dois textos opinativos entre eles uma crônica.

*Folha Esporte* – dois textos opinativos entre eles uma crônica.

*Folha Ilustrada* – dois textos opinativos entre eles uma crônica.

Ao todo foram encontradas vinte e quatro unidades opinativas, entre elas seis eram crônicas. O que confere **25%** (vinte e cinco por cento).

Na semana, foi encontrado um total de **136** (cento e trinta e seis) unidades opinativas entre elas **30** (trinta) eram crônicas, o que confere a média de um espaço dedicado à crônica de **22%** (vinte e dois por cento).

### **Temas abordados pelas unidades opinativas**



Após concluir que 22% dos textos opinativos da Folha de São Paulo são crônicas verificou-se se os temas abordados nos demais gêneros também se apresentavam nelas, com o objetivo de comprovar que, além de ocupar espaço no jornal, a crônica também aborda as mesmas temáticas. Com esta análise obteve-se mais um dado para verificar como a crônica está envolvida no contexto do jornal e manifesta certas características do jornalismo.

Na semana escolhida para a análise o país estava passando por uma crise política, em que praticamente todo dia eclodia um novo escândalo. Denúncias como a do uso de caixa dois em campanhas eleitorais e do *Mensalão* - pagamento de mensalidades para deputados da base aliada do governo pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Os fatos jornalísticos mais valorizados no momento foram as Comissões Parlamentares de Inquérito (CPI) e o pronunciamento do presidente Luiz Inácio Lula da Silva acerca de sua relação com os escândalos e das atitudes de seu partido.

Considerou-se relevante abordar o momento histórico que o país atravessava para se ter uma melhor compreensão das observações que serão apresentadas a seguir. Nesta seção o trabalho traz os dados acerca dos temas abordados pelos textos opinativos durante a semana.

**Segunda- feira :** Das dezoito unidades opinativas treze abordaram a crise o que confere 72% (setenta e dois por cento).

**Terça- Feira:** Das vinte e uma unidades opinativas dez abordaram a crise o que confere 48% (quarenta e oito por cento).

**Quarta – feira:** Das dezenove unidades opinativas quinze abordaram a crise o que confere 79% (setenta e nove por cento).

**Quinta- feira:** Das dezenove unidades opinativas dezesseis abordaram a crise o que confere 84% (oitenta e quatro por cento).

**Sexta- feira:** Das dezoito unidades opinativas quatorze abordaram a crise o que confere 78% (setenta e oito por cento).

**Sábado:** Das dezessete unidades opinativas treze abordaram a crise o que confere 76% (setenta e seis por cento).

**Domingo:** Das vinte e quatro unidades opinativas dezoito abordaram a crise o que confere 75% (setenta e cinco por cento).

Durante a semana foram encontrados **136** (cento e trinta e seis) unidade opinativas, destas **99** (noventa e nove) abordaram a crise o que confere **73%** (setenta e três por cento).



Para conferir se a crônicas e os demais gêneros opinativos abordam os mesmos temas analisou-se durante a semana se a crônica abordava a crise política e qual a relevância do tema. Obteve-se os seguintes resultados:

**Segunda- feira :** Das três crônicas, o total abordou a crise, o que confere 100% (cem por cento).

**Terça- Feira:** Das quatro crônicas, o total abordou a crise, o que confere 100% (cem por cento).

**Quarta – feira:** Das 4 crônicas três abordaram a crise, o que confere 75% (setenta e cinco por cento).

**Quinta- feira:** Das quatro crônicas, todas abordaram a crise o que confere 100% (cem por cento).

**Sexta- feira:** Das cinco crônicas quatro abordaram a crise o que confere 80% (oitenta por cento).

**Sábado:** Das quatro crônicas duas abordaram a crise o que confere 50% (cinquenta por cento).

**Domingo:** Das seis crônicas quatro abordaram a crise o que confere 67% (sessenta e sete por cento).

Durante a semana foram encontradas **30** (trinta) crônicas, destas **24** (vinte e quatro) abordaram a crise o que confere **80%** (oitenta por cento). Essa observação mostra que, em relação aos conteúdos, as crônicas, assim como os gêneros opinativos e as próprias notícias abordam os fatos importantes da vida cotidiana.

### **Análise das crônicas**

Busca-se aqui, fazer uma análise, não muito pretenciosa, da tipologia das crônicas analisadas no intuito de conferir o perfil das crônicas que são publicadas na *Folha de São Paulo* foi feita uma análise das diferentes modalidades do gênero na semana escolhida. O sistema de classificação considerado como base para esta análise foi o de Andrade e Medeiros (2001), que defende a existência de três tipos de crônica. A crônica-comentário, a crônica-lírica e a crônica-narrativa.

Conforme os dados, a modalidade mais usada pela *Folha* é a crônica-comentário, seguida pela crônica-lírica. Já a crônica narrativa teve presença pouco expressiva na semana analisada. Apareceu apenas na segunda-feira. A crônica-comentário aparece com maior frequência nas páginas A2 e A3 em meio aos outros comentários. E esporadicamente as editorias Brasil, Cotidiano e Ilustrada também as publica. Já a crônica-lírica apareceu na *Folha Cotidiano* e na *Ilustrada*. Uma conclusão a que se chega, nesse sentido, é que a presença da crônica-comentário denuncia a possibilidade de inferir opiniões mais subjetivas e livres aos fatos discutidos, de forma



a perceber que o jornalista e/ou cronista busca utilizar menos a técnica do jornalismo para referenciar certos aspectos dos fatos que não poderia fazê-lo no corpo da notícia.

### **Considerações Finais**

Pelo exposto, entende-se que a crônica possui um lugar híbrido no jornalismo atual no Brasil. Contudo, sua presença marcante no jornal parece definitiva e aponta para o fato de ela estar numa relação cada vez mais próxima com o fazer jornalístico, abordando temas atuais e vinculados às situações do mundo da política e da economia. Sua presença serve para pontuar aspectos dos fatos que não cabem no espaço das notícias de acordo com os critérios que moldam a atividade de produção noticiosa no jornalismo atual, ampliando a subjetividade do cronista e complementando a visão dos fatos.

### **Referências Bibliográficas**

- AMARAL, Luiz. **A objetividade Jornalística**. Porto Alegre: Sagra D.C. Luzatto, 1996.
- ANDRADE, Maria Margarida; MEDEIROS, João Bosco. **Comunicação em Língua Portuguesa**. São Paulo: Atlas, 2001.
- BAHIA, Juarez. **Jornal História e Técnica 2**. São Paulo: Ática, 1990.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em Jornalismo**. São Paulo, Ática, 1991
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1999
- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**. São Paulo: Ática, 1999
- MEDINA, Cremilda. **Notícia: Um Produto à Venda**. São Paulo: Summus Editorial. 1988
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987
- KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo de Norte a Sul**. São Paulo: Edusp, 2001
- ROSSI, Clóvis. **O que é Jornalismo?**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2002.